

Repórter da Quebrada: Jornalismo, educomunicação e direito à cidade no Extremo Sul de São Paulo ¹

Mariana de Sousa Caires²

Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento

Resumo

O Projeto Repórter da Quebrada consiste em uma Mídia Cidadã com a metodologia da educomunicação utilizada na produção de oficinas e de reportagens, realizado pelo Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento. Durante um ano, jovens e representantes de Movimentos Sociais estiveram reunidos com o objetivo de trocar experiências (nos papéis de facilitador e público) técnicas e teóricas sobre comunicação, direito à comunicação, direito à cidade, direitos humanos, território e juventude. Além das 60 horas de oficinas a estudantes e professores, o projeto englobou a produção de reportagens quinzenais pelos jovens (jornalistas sem diploma) tendo como temas as pautas recolhidas em formulário online (preenchido pelo público do Periferia em Movimento). O Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento é formado por jornalistas (graduados ou não) do Extremo Sul de São Paulo, financiado primordialmente por editais públicos e parcerias com o terceiro setor. O projeto é um exemplo de Jornalismo de Quebrada, com um processo de letramento midiático feito ‘de dentro para dentro’, que comprova que não é necessário um diploma para fazer da comunicação um agente transformador da sociedade.

Palavras -chave

Educomunicação; Jornalismo de Quebrada; Periferia em Movimento; Juventude; Direitos.

Corpo do trabalho

Setembro de 2017 foi correria no Coletivo Periferia em Movimento. O fechamento de mais um ciclo do Repórter da Quebrada foi época de ir contra o tempo para prestar contas à Prefeitura pela realização do projeto financiado pelo Edital Redes e Ruas. Doze meses depois, os 50 mil reais divididos linha por linha no documento enviado à prefeitura detalhavam os gastos necessários para que mais de 200

¹ Relato a partir das oficinas produzidas pelo Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento entre 2015 e 2017, em escolas, Centros Culturais e outros espaços nas periferias de São Paulo, destinados ao público jovem, adolescente, infantil e também a professores. O projeto é exemplo de educomunicação, com foco nas discussões sobre direito à cidade e direitos humanos da juventude periférica em São Paulo. Realizado com patrocínio predominante de duas edições do Edital Redes e Ruas, da Prefeitura de São Paulo. O Coletivo Periferia em Movimento atua desde 2009 com Jornalismo e Educomunicação no Extremo Sul de São Paulo.

² Jornalista no Periferia em Movimento; graduada em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP-Bauru; estudante de graduação no curso de Bacharelado em Ciências e Humanidades da UFABC. São Paulo, SP. marianacaires1@gmail.com.

peças do Extremo Sul de São Paulo tivessem tido contato aprofundado com a educomunicação. Acompanhado da correria, veio o exercício de auto-avaliação entre os membros do Coletivo: se deram conta que os 12 meses representaram mais de mil horas dedicadas ao projeto, mais de 50 reportagens produzidas em formatos como textos, fotos, vídeos, transmissões ao vivo, stopmotion e meme-reportagem. Em média, uma nota divulgada por dia no site e duas no facebook. Mais de 100 horas de oficinas em dez locais diferentes no extremo sul de São Paulo. O suspiro final é de trabalho bem feito, acompanhada da tensão pela incerteza dos meses que seguem, sem as mesmas perspectivas de financiamento.

O Repórter da Quebrada é um dos modelos de curso desenvolvido pelos jovens jornalistas, em maioria moradores de periferias do Extremo Sul de São Paulo, no Coletivo de Comunicação Periferia em Movimento. O objetivo principal do projeto é promover o direito à comunicação a jovens das periferias, bem como trocar aprendizados e fortalecer a atuação de movimentos sociais da região e não menos importante, criar conteúdos de jornalismo periférico em diversos formatos.

O Periferia em Movimento é, desde sua criação em 2009 (BORGES, CARNEIRO, DA SILVA, 2009), um Coletivo de jornalistas insatisfeitos com a não representação na mídia tradicional/coorporativa, intencionados a fazer jornalismo da perspectiva de moradores das periferias. Oito anos depois, seis participantes do Coletivo são remunerados pelas horas trabalhadas, e três deles garantem dali verba para sua subsistência. No cenário atual, o Coletivo é portanto um exemplo de modelo de negócio de Jornalismo de Quebrada (SALLES DE SOUZA, 2015) com importante atuação no campo da educomunicação (CAIRES, 2017), dos Direitos Humanos e Direito à Cidade. O Repórter da Quebrada é uma das atividades já desenvolvidas pelo Coletivo capaz de linkar diversas áreas de atuação.

Em 2016, a pesquisa de Salles de Souza identificou no Periferia em Movimento um novo formato de jornalismo, simultaneamente combativo e emancipatório, classificado de Jornalismo de Quebrada:

Democratização da comunicação sobre as quebradas paulistanas; compartilhamento de conteúdo de midialivistas independentes; caráter contra-hegemônico; caráter participativo-cidadão; emancipação de quebradas; disputa de imaginários; incorporação de gírias; preocupação com a informação e formação do leitor; militância pela garantia dos direitos fundamentais; adaptação do conceito de periferia; e especificidade geográfico-espacial (SOUZA, 2015, p.154)

A elaboração do Projeto Repórter da Quebrada de 2017 reuniu jornalistas do Coletivo e jovens que já haviam participado de outras formações do Coletivo e demonstraram interesse em estar por perto. A participação deles foi fundamental para garantir a conexão entre o público e o conteúdo proposto para as oficinas. Em conjunto, decidiram tratar no curso sobre gênero, sexualidade, transporte, educação, comunicação, raça, etnia, território, meio ambiente e identidade. Também decidiram em conjunto quem seriam os ‘militantes’ convidados para falarem sobre suas atuações em relações aos temas. A técnica jornalística não ficou de fora: decidiram que, nas oficinas, falariam também sobre texto, vídeo, fotografia, lances, poesia, música e memes.



(reunião de elaboração do curso Repórter da Quebrada. Periferia em Movimento, maio de 2017)³

Nos primeiros seis meses de realização do projeto, o Coletivo realizou 60 horas de encontros de aprendizagem em sete espaços: No Centro Cultural Grajaú, na Ilha do Bororé (Casa Ecoativa e EE Prof. Adrião Bernardes), na EE Clarice Seiko (localizada no Jardim Guanhembu) e, em parceria com o Projeto RUAS do CEDECA Interlagos, também realizamos oficinas no Marsilac, na EE. Loteamento Gaivotas III e na Ocupação Jardim da União. As oficinas foram um primeiro passo de letramento midiático cidadão com o público de crianças, adolescentes e professores. Todos os encontros foram no Extremo Sul de São Paulo, pautando educomunicação e direitos humanos de maneira adaptada a cada público, com diferentes dinâmicas e possibilidades de interação entre conteúdos sobre comunicação e participação política.

A metodologia dos encontros de aprendizagem são de educomunicação que, apesar de pré-roteirizadas, se pautam nas perguntas que os participantes apresentam logo no início. O modelo foi analisado recentemente no projeto de conclusão de curso de CAIRES:

Ensinar através de perguntas é uma prática que muito pode se assemelhar ao processo de construção do jornalismo, e o resultado, em ambos os processos, vai depender da profundidade da curiosidade e linha de raciocínio, da bagagem referencial e da abertura que os dois sujeitos comunicativos apresentarem durante a produção de conhecimento. (CAIRES, 2017, p.80.).

O papel cidadão do Curso fica evidente quando entra em pauta a crítica de mídia, uma das possibilidades da educomunicação, defendida por Isabel Clavellin (2016), como um processo fundamental que:

(...)Possibilita a desconstrução dessas discriminações e desigualdades no âmbito das comunicações, (comunicação hegemônica, contra-hegemônica, pública, comunitária, comunicação alternativa), de modo que realmente possamos partir de processos inclusivos na comunicação e possamos inclusive desenvolver modelos que se sustentem e que empoderem as comunidades, grupos sociais, movimentos sociais, e com o propósito de criar uma agenda emancipatória no âmbito das comunicações tendo em vista as exclusões que ainda são prevalentes na indústria cultural e nas comunicações, pois a percebemos desde a força de trabalho até o produto final que chega às pessoas. (CLAVELLIN, isabel. 2016.).

Durante 10 meses, os jornalistas do Periferia em Movimento publicaram conteúdos em diferentes formatos, ligados à cultura, direitos humanos, moradia, gênero, sexualidade, entre outros. Foram produzidos vídeos, ensaios fotográficos, textos, coberturas ao vivo, reportagens em memes e stop motion, sempre com a participação de mais de um jovem comunicador e um jornalista formado.

³Foto disponível no site: www.periferiaemmovimento.com.br



(Oficinas na Ocupação Jardim da União e na Casa Ecoativa – Ilha do Bororé. Periferia em Movimento, junho de 2017)⁴

Entre junho e agosto, em nove sábados, 20 adolescentes participaram dos encontros de aprendizagem aprofundados do Curso Repórter na Quebrada. Estes eram sempre temáticos sobre algum formato jornalístico e algum assunto social, dentre os temas já apresentados, com a participação de militantes do Extremo Sul de São Paulo. Ao fim dos encontros, a turma apresentou uma Mostra no CEU Parelheiros com suas próprias produções fotográficas, textuais, também em lambes e um documentário. Alguns dos conteúdos estão disponíveis na reportagem “Mostra Repórter da Quebrada: Jornalismo e Direitos Humanos conectando o Extremo Sul”⁵.

No fim de agosto de 2017, os jovens comunicadores e jornalistas do coletivo participaram de um fim de semana de intercâmbio com produtores de mídias periféricas do Rio de Janeiro. A também estava incluída no projeto do Repórter da Quebrada, com o objetivo de estreitar as relações entre mídias de quebrada do eixo RJ-SP. Parte das atividades foram relatadas ao vivo pelo facebook⁶, como a Roda de conversa com participação de representantes dos Poetas Favelados, do Coletivo Papo Reto, da Casa Brota e do GatoMídia. O documentário filmado durante o intercâmbio será editado e publicado até o fim de 2017 no site do Periferia em Movimento.

Os resultados do Repórter da Quebrada 2017 são mensuráveis em impacto quantitativo: mais de 150 mil visualizações no site e uma média de 300 mil visualizações por mês no facebook, mais de 200 participantes das oficinas, 150 jovens. Qualitativamente, os impactos indicam a maior relação dos jovens participantes com o tema, empoderamento enquanto agentes comunicadores, também o fortalecimento do Coletivo enquanto mídia periférica e aproximação com temas da juventude.

Enquanto isso, nas universidades, o diálogo de crise do jornalismo mostra os problemas e carece de incentivos reais a novos formatos. Estudantes continuam usando o jornalismo cidadão enquanto objeto e tem grandes dificuldades em levar novos projetos para frente, por culpa de uma grade curricular que não contempla modelos de inovação. De tal forma, o jornalismo das universidades se situa estagnado em uma crise de identidade sem luz para uma participação política, social e cidadã efetiva. Os problemas de não

⁴Foto disponível no site: www.periferiaemmovimento.com.br

⁵Reportagem disponível no link <http://periferiaemmovimento.com.br/mostra-reporter-da-quebrada-jornalismo-e-direitos-humanos-conectando-o-extremo-sul/>

⁶Página do facebook do Periferia em Movimento está disponível no link: <https://www.facebook.com/PeriferiaemMovimento/>. Acesso em outubro de 2017.

representatividade do jornalismo cooperativo também persistem: jornalistas continuam ligando para o Periferia em Movimento a procura de fontes estratégicas nas periferias e seguem recebendo como resposta que ‘não somos assessores dos moradores das periferias, por favor, tenha responsabilidade com o tratamento que dá às suas fontes’.

O Coletivo Periferia em Movimento continua procurando novas formas de existir enquanto mídia e modelo de negócio, com a aflição de não saber se terá verba para o próximo semestre. Mas a experiência do Repórter da Quebrada é um exemplo de que o jornalismo pode ser plural ao ser periférico. Comprova que não é necessário um diploma ou idade para que a pessoa faça da comunicação um agente transformador da sociedade. Em 2017, o Periferia em Movimento se fortaleceu também através do contato direto com outros coletivos da Rede Jornalistas das Periferias. Juntos, realizaram a 1ª Virada Comunicação, evento que reuniu 400 pessoas para falar sobre os papéis da comunicação, a partir da perspectiva de pessoas das periferias.

O projeto deve ser considerado um processo de letramento midiático que se opõe ao processo alienador da mídia corporativa, com impacto em segmentos sociais em situação de vulnerabilidade social. Ele cria uma plataforma social, com a mobiliação de recursos tangíveis e intangíveis para a construção de uma nova narrativa, com base na construção da cidadania.

Referências

- BORGES, Thiago; CARNEIRO, Sueli; DA SILVA, Aline. **Periferia em Movimento**. Universidade de Santo Amaro. São Paulo. 2009.
- CAIRES, Mariana. **Jornalismos em Construção: Mídia como meio, processo e produto em modelos para além da academia**. Monografia (graduação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (FAAC/Unesp). Bauru, SP, 2017. 120f.
- CLAVELLIN, Isabel. **Entrevista**. [30 nov. 2016] Entrevistadora: Mariana de Sousa Caires. Brasília, 2016, 1 arquivo em Mp4 (39 min.).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- SOUZA, Jessé. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte : Editora UFMG, 2009
- SOUZA, Jessé. **A tolice da inteligência brasileira: ou como o país se deixa manipular pela elite**. São Paulo, LeYa, 2015
- SOUZA, Juliana Salles de. **Jornalismo de Quebrada e as Representações das Periferias Paulistas**. Monografia (graduação). Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM). São Paulo, SP, 2015, 167f.